

# O LEITOR, A LEITURA, O LIVRO E A LITERATURA NA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E NA HISTÓRIA CULTURAL

---

*READER, READING, BOOK AND LITERATURE  
ON THE RECEPTION THEORY AND CULTURAL HISTORY*

**Arnon Tragino<sup>1</sup>**

**Resumo:** Pôr em relação quatro produções humanas que se dialogam tanto morfológica-mente quando em sua formação e práxis é o foco deste artigo. Observando funções específicas como a instituição do leitor, a historicidade da leitura, o uso do livro e a constituição da literatura, tal relação se manifesta por meio de passos que demarcam principalmente a neces-sidade de produção de conhecimento. A Estética da Recepção, na participação de Wolfgang Iser, e a História Cultural, proposta por Roger Chartier, cada uma a seu modo e por certos princípios, se preocuparam com esse processo: como pensar um sujeito (o leitor) que através de uma prática (a leitura) em que se manipula um objeto (o livro) promove a criação de uma instância sociocultural (a literatura)? Lançando mão dos teóricos citados, o fio que conduz a presentificação desses quatro objetos será o caminho analítico deste trabalho.

**Palavras-chave:** Intâncias culturais. Wolfgang Iser. Roger Chartier.

**Abstract:** To relate four human productions that dialogue both morphologically, in its con-ceptions, and praxis is the focus of this article. Noting specific functions such as the institu-tion of the reader, the historicity of reading, the use of the book and the constitution of the literature; a relationship that is manifested through ways that mark mainly the need of know-ledge production. The Reception Theory, with participation of Wolfgang Iser, and Cultural History, proposed by Roger Chartier, each in its own way and by certain principles, worry about this process: how should a subject (the reader) that through practice (the reading) in the manipulation of an object (the book) promotes the creation of an sociocultural instance (the literature)? Making use of the theorists cited, the wire that leads to presentification these four objects is the way of this analytical work.

**Keywords:** Cultural instances. Wolfgang Iser. Roger Chartier.

## INTRODUÇÃO

Talvez, entre muitas posturas, rituais, objetos e manifestações artísti-cas criadas pelo homem, a relação que permeia o leitor, a leitura, o livro e a literatura contenha, por meio de um desenvolvimento do saber do mundo, partes que atravessam desde a essência do sagrado até o fetiche do que se pode ser palpável nas mãos desse homem. Por outro lado, essa relação, como tantas outras, enquadradas na evolução do mencionado saber, se tornou, a grosso modo, objeto de estudo científico. Esse processo abarcou tanto o sa-grado quanto o fetiche e promoveu, como enriquecimento à posteridade, a difusão e a propiciação de muitas outras criações e, conseqüentemente, novas

<sup>1</sup> Mestrando em Letras (Universidade Federal do Espírito Santo).  
E-mail: arnon.tragino@hotmail.com

relações. Da origem à contemporaneidade muito se tratou sobre isso – e este presente estudo não foge à regra. No entanto, é o referido “talvez” que move as investigações e as argumentações deste trabalho. Se houve ou há essa relação, como ela, então, ocorre? Por qual foco ela pode ser vista? Assumindo um risco analítico, pretendo discorrer aqui sobre um modo de olhar as quatro instâncias – o leitor, a leitura o livro e a literatura – em seus momentos de contato.

A proposta, em específico, é observar a inter-relação das instâncias ditas anteriormente em duas linhas de pensamento: uma da crítica literária, a Estética da Recepção, e outra da história, a História Cultural. Frutos dos caminhos tomados pela “filosofia” do homem do século XX, as duas correntes, de formas distintas, com propostas diversas e intenções diferentes, chegaram à questão do leitor, da leitura, do livro e da literatura: a Estética da Recepção, iniciada nos anos de 1960, na Alemanha, buscou entender as obras literárias a partir de sua finalidade: a leitura, e, com isso, colocou o leitor como coordenador da interpretação textual (JAUSS et al., 2002, p. 67); por outra vertente, a História Cultural, de maneira geral entre seus pesquisadores nos anos de 1970, na Europa, problematizou a questão simbólica encontrada na interpretação histórica (BURKE, 2008, p. 10), e isso incluiria também o livro e seus usos recorrentes. Mais restrito ao que se pretende fazer aqui, a análise em questão girará em torno do trabalho teórico de dois pensadores das mencionadas áreas: Wolfgang Iser, da literatura, e Roger Chartier, da história. Vejamos quem são eles.

Wolfgang Iser, cofundador da Estética da Recepção juntamente com Hans Robert Jauss, construiu caminhos teóricos para se entender a leitura do texto literário. Para ele, é necessário dar foco e estabelecer o tipo de interação que a obra mantém com o leitor durante a leitura. No primeiro, observa-se a preocupação com a recepção e, no segundo, com o efeito. Esse movimento permite a um autor, por exemplo, estabelecer um elo mais consistente com sua obra; sobretudo porque, conforme Iser declara, ela deve passar por um acentuado grau de exame no ato da leitura. O teórico apresentou, dentre muitas teorias, a noção de *leitor implícito*. Esta noção é compreendida como uma referência de sistemas de textos, cujo pleno sentido se alcança pelo processo de atualização sobre ele realizado, ou seja, esse *leitor* é um “indicador” que aponta as marcas que o texto carrega, supondo suas informações, seus repertórios e seus valores comuns (vê-se aí um aspecto claro da Fenomenologia, corrente da Filosofia do século XX à qual o autor alemão se vinculou). Elementos mais expressivos deste trabalho podem ser vistos na obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, volumes 1 (1996a) e 2 (1999). Para o presente artigo, no entanto, além da já citada obra, recorrerei a outras de, e sobre, Iser (a fim de compará-las às de Chartier), tais como: *La ficcionalización: dimensión antropológica de las ficciones literarias* (texto de 1990); *O fictício e imaginário: perspectivas de uma antropologia literária* (1996b) e *A literatura e o leitor* (JAUSS et al., 2002); sobre Iser: *Tópicos de teoria para investigação*

do discurso literário (2004), de Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba.

Roger Chartier, historiador francês e professor do *Collège de France*, propõe reflexões acerca dos usos do livro e das práticas de leitura, aspectos de seu trabalho que denotam sua preocupação em entender a cultura escrita da Europa moderna. Como caminho intelectual, ele primeiramente se apoiou nos ideais da Escola dos Annales para formar sua metodologia de trabalho. Posteriormente, revendo essa metodologia, aproximou-se da História Cultural e estabeleceu seu campo de atuação científico: aspectos morfológicos e materiais da história do livro e da leitura. Em meio a essas contribuições, a noção de *protocolos de leitura* nos chama atenção: em correspondência ao *leitor implícito* de Iser, esses protocolos são pistas deixadas pelo autor e pelos demais agentes sobre como um texto ou objeto cultural deve ser lido, e sobre que leitor se espera para ele. No presente artigo, porém, dando limites à comparação futura com Iser, irei me restringir às obras: de Chartier: *A História Cultural entre práticas e representações* (1990), *Do código ao monitor* (1994), *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1998), *Os desafios da escrita* (2002), *A construção estética da realidade* (2004), “*Escutar os mortos com os olhos*” (texto de 2010) e *Literatura e cultura escrita* (2012); sobre Chartier: “Roger Chartier” (2010), de Helenice Rodrigues da Silva (retirado do livro *Historiadores do nosso tempo*, organizado por Marcos Lopes e Sidnei Munhoz).

O embate entre os dois teóricos sobre o leitor, a leitura, o livro e a literatura (questão central deste artigo) merece uma prévia. Discutindo sobre as apropriações dos textos e as práticas de leitura e revendo as correntes da crítica literária que se preocuparam com esses caminhos, Roger Chartier questiona o caráter universalizante da leitura proposto implicitamente pelas correntes recepcionais (*Rezeptionsästhetik* e *Reader-response theory*), em que, retirando a historicidade do leitor, elas não teriam observado os diferentes modos concretos e as circunstâncias dessa recepção textual (CHARTIER, 2012, p. 18). Se retomarmos, porém, pontos-chave da teoria de Wolfgang Iser, podemos ver uma já preocupação com esse nivelamento da leitura: a *antropologia literária* (noção desenvolvida por Iser) conteria princípios de uma proposta analítica para rastrear essa concretude da leitura (literária, no caso), sendo que haveria manifestações não universalizantes no contato entre texto e leitor (ISER, 1996b, p. 9). Chartier também aponta que nessa relação (entre uma abstração universal e uma materialidade específica) talvez fosse importante dar um passo além, um passo para uma complementação entre as duas formas. Por conta desse segundo “talvez”, acredito que, revisitando as ideias de Iser, é possível dar este passo.

## O LEITOR

O *leitor*, pensado por Wolfgang Iser e Roger Chartier como norteador das práticas de leitura (literária), está ligado às questões que acompanham o desenvolvimento da concepção de *sujeito*. Nos percursos da Fenomenologia e da Escola dos Annales, podem ser observados, de um lado, um sujeito tra-

ção pela consciência e pela construção de mundo interna feita por esta (SOKOLOWSKI, 2004, p. 7) e, de outro, um sujeito histórico que mantém diálogo estreito com as ciências sociais a fim de investigar as estruturas históricas (BURKE, 1992, p. 5). Dessa concepção complexa de sujeito, Iser e Chartier, por áreas com finalidades diversas, chegam à questão do leitor: o primeiro resgata a fenomenologia para pensar o fenômeno do ato de ler textos literários em função de um efeito estético que o *leitor* produz em sua consciência; daí o motivo de sua teoria ser chamada de *teoria do efeito estético* (BORBA, 2004, p. 137). O segundo, numa “terceira etapa de produção científica”, já tendo abandonado o método quantitativo da Escola dos Annales, valeu-se da História Cultural para investigar, como objetos culturais, “as práticas de leitura, do discurso, a circulação do texto e a história do livro e das bibliotecas” (SILVA, 2010, p. 304). A partir desse ideário reflexivo, delinearei, agora, as especificidades na teoria de Iser e de Chartier concernente ao *leitor*. Respeitando, no entanto, um caráter cronológico de produção teórica, começarei então por Iser.

Os primeiros rumos da teoria de Wolfgang Iser se encaminharam bastante próximos às ambições teóricas de Hans Robert Jauss. Como participante da Estética da Recepção, nos trabalhos iniciais de Iser há o fenômeno da “substituição” do paradigma *autor* em função do paradigma *leitor*. Mas, diferentemente de um leitor esquecido e abandonado na história, como crítica Jauss, o leitor de Iser possui um caráter mais personalista, resultado da interação com o texto. Em *O ato da leitura* (1996a) são traçadas as categorias pelas quais perpassa esse leitor, de modo que não se trata apenas de um, mas sim de três: o *leitor real*, o *leitor implícito* e o *leitor fictício* (ISER, 1996a, p. 63). O *leitor real*, como o próprio nome já aponta, é o leitor empírico, aquele que está diante do texto, que percorre o olhar sobre as palavras e as absorve em forma de discurso (BORBA, 2004, p. 146). Essa correlação de discursos entre os vieses deixados pelo texto é que formaria o *leitor implícito*. Este, como mencionado na introdução, é o leitor pressuposto pelo texto, indicado pelo texto, que só pode ser alcançado pelo discurso ali colocado; daí o seu modo sistemático, em que aponta certas intertextualidades que o texto carrega, e que são recuperadas a cada leitura (BORBA, 2004, p. 147). O *leitor fictício* é o pensado pelo autor, é aquele quem o autor imagina que deva ler o seu texto e a maneira como ele deva ser recebido imagetivamente (BORBA, 2004, p. 148). Nessas três categorias não há, estritamente, uma hierarquia a ser seguida ou mais valorizada, nem a hipótese de que elas poderiam agir de forma autônoma. As ações dessas categorias são intercaladas no momento da recepção textual. O que em Roger Chartier tem uma propriedade mais material.

Ao inverter sua metodologia de estudo de uma história social da cultura para uma história cultural da sociedade, Chartier focaliza por outro ângulo a representação dos objetos culturais (BURKE, 2008, p. 99). E esse ângulo, como decorrência, realocaliza o *sujeito* que se apropria desses objetos (CHARTIER, 1990, p. 23). No caso do leitor, essa modificação ocorre quando se observa a historicidade por qual ele passou: as transformações de suas práti-

cas em se apropriar dos objetos impressos corroborou para novas produções e maiores alcances de significados na leitura. No capítulo sobre o leitor em *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1998), Chartier argumenta que a *apropriação* dos textos é que daria meios para se conceber leitores: após a criação da imprensa e a difusão da leitura, os materiais impressos democratizariam o acesso ao conhecimento, o que formaria, neste caso, uma representação da “função leitor” (CHARTIER, 1998, p. 79). É possível notar melhor essa conexão em *Do códice ao monitor* (1994), texto que Chartier discorre sobre a mudança estrutural do suporte da leitura: a passagem do texto impresso (códice) para o texto digital (monitor) está reconduzindo o contato do leitor com a palavra. A tecnologia, neste caso, dá maior liberdade ao leitor, possibilitando que este manipule o texto de forma a interferir até mesmo na sua autoria (CHARTIER, 1994, p. 192).

Do paralelo entre os dois autores (um leitor “abstrato” para Iser e um leitor “palpável” para Chartier), pode-se chegar a um ponto em comum: o ser “leitor” se transmuta, ora adquirindo um comportamento idealizado, ora adquirindo uma ação. Não existe, portanto, uma incompatibilidade de situações, mesmo que as duas “existências de leitores” sejam separáveis pelas duas teorias. Acredito que nos percursos da história houve figurações de leitores que legitimaram suas práticas, assim como nas práticas concretas de leitura houve uma busca por um leitor idealizado.

## A LEITURA

A *leitura*, outro ponto pertinente aos dois teóricos aqui estudados, se realizaria no processo de legitimação do leitor. Não apenas pelo caráter existencial, em que só haveria leitor se houvesse leitura, e vice-versa, mas mais pela diluição dos discursos que proporcionariam formações estanques de identidade, ou que polarizariam dicotomicamente *leitor e leitura*, como se fez, por exemplo, na relação *língua e fala* na linguística. O caráter de “processo” ou “atividade” perpassa a leitura desde suas primeiras teorizações, acompanhando e/ou formulando, em contrapartida, a atuação do leitor (JOUVE, 2002, p. 17). Na modernidade, porém, quando se passou a pressupor que leitura é um ato silencioso, em que haveria um “mergulho no texto”, as condições desse processo se singularizaram e, com isso, passou-se a pensar a leitura como uma atividade inerente, contato individual e íntimo com o texto (JOUVE, 2002, p. 23); daí o surgimento, por exemplo, de correntes formalistas e estruturalistas para entender os componentes internos do texto.

Wolfgang Iser pensa a leitura como um processo que deslocaria as tradicionais perspectivas da interpretação, em que haveria um autor ou um texto absolutos que determinariam seus caminhos de entendimento. O teórico alemão acredita que, ao ler, o leitor é forçado a converter a imagem material do texto a uma imagem virtual desse texto, em que, por esse princípio, essa realidade virtual produziria sentidos (ISER, 1999, p. 9). Esse é o processo que o autor chamou de *interação entre texto e leitor*, relação em que se ob-

serva a interseção entre a visão de mundo do leitor e o repertório do texto. A partir dessa interação se obtém o *preenchimento dos espaços vazios do texto* (outro conceito de Iser): dentro de uma estrutura de afeto, o leitor imerso no polo estético do texto recuperaria deste uma composição interpretativa subentendida, que sem o ato da leitura o texto por si não alcança (BORBA, 2004, p. 143). Isso é também “realizar o sentido do texto a fim de se efetivar a comunicação da leitura e a assimetria entre texto e leitor” (BORBA, 2004, p. 144). Indo além de uma produção de sentido bilateral, Chartier dá maior abrangência à leitura.

Roger Chartier reflete sobre a leitura de outro modo: levando em conta a formação de uma cultura escrita após a difusão dos objetos impressos, a leitura iria além de uma mera prática da interação texto e leitor. Outros agentes entrariam nesse processo, como, por exemplo, os editores, os revisores, os funcionários de impressão dos textos, as livrarias, os meios de comunicação, a educação formal, etc (CHARTIER, 2012, p. 18). O pensador francês se preocupa em enxergar a leitura como um processo coletivo de produção de sentido do texto, e não apenas como um efeito de um ato individual e silencioso. Nas instituições escolares através da educação formal, como já mencionado, o conceito tradicional de leitura, legitimada pelo uso do cânone, não seria aplicável, desse modo, aos “jovens que não leem”, pois estes, se apropriando de objetos diferentes, praticam a leitura fora do controle escolar. Chartier assim argumenta que, para as ações escolares, é necessário se apoiar nessa não-leitura, como forma de conduzir o aluno a um acesso pleno a “textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e pensar” (CHARTIER, 2004, p. 103-4).

Disso posto, pergunto: em que medida essa mediação ao acesso de melhores textos promoveria melhores interações entre texto e leitor? Como podemos pensar um jovem leitor de hoje, com um livro de literatura em mãos, não preenchendo seus vazios no momento da apropriação textual que carrega diversos agentes? É motivo de reflexão, por outro lado, o modo como se constroem os sentidos do texto: por mais que estes sejam advindos de múltiplos formadores, e indo mais adiante de uma interação estritamente de diálogo, os atos físicos de se praticar a leitura assim como os de reagir à sua recepção são comportamentos que, juntos, efetivam caminhos de entendimento do texto, e esse entendimento requer tanto uma manipulação do objeto, quanto uma imaginação aplicada sobre ele.

## **O LIVRO**

A questão do *livro*, como um ponto bastante polêmico nas leituras que fiz de Wolfgang Iser e Roger Chartier, não me pareceu satisfatoriamente discutida. A problemática que se evidencia está no caráter de ele, desde a sua invenção, ser colocado para funcionar “apenas” como um suporte da escrita, como um objeto físico que é manipulado pelo leitor e que carrega um “discurso” a ser recuperado por este. Ao longo da história este objeto foi

posicionado à margem do que se colhia como *corpus* científico de análise, não possuindo, então, a premissa de ser estudado de modo sistematizado; era ele que “carregava” o estudo. Mais precisamente com o desenvolvimento das questões culturais do século XX, o livro foi “redescoberto” e alçado como produto cultural (de consumo, principalmente), o que trouxe a ele um novo *status*: sua produção e circulação social se tornou relevante para a difusão do conhecimento atual (DARNTON, 2010, p. 39). Dessa interposição de valores acerca do livro, mas, por outras questões, constituíram-se assim as áreas das teorias recepcionais e histórico-culturais. As primeiras levaram a cabo a “posição superior” do leitor como condutor da leitura, já as segundas, posteriormente, perguntaram: e o livro? Como ele se inscreve nessa história? Essa alusão exemplifica em partes o debate que travo aqui entre Iser e Chartier.

Os pensadores da Estética da Recepção não buscaram discorrer sobre a materialidade dos textos e deram às práticas de leitura, ou à interação texto-leitor, contorno muito genéricos e amplos. O caráter abstrato das formas de ler, assim como o alcance de sentido atingido pelos discursos no ato da leitura, estratificou, na referida corrente teórica, a cultura que produz os textos, relegando ao produto dessa cultura uma posição de “objeto que sustenta a escrita”. No entanto, essa omissão do livro pode não ter se dado de forma gratuita se pensarmos no contexto histórico da época, em que a virada epistemológica entre autor *versus* leitor estava mais em voga. O objeto livro, então, era embutido na concepção de leitura. Na maior parte da produção intelectual de Iser houve esse acompanhamento em relação à corrente da crítica literária, porém, é possível destacar, em pontos específicos de suas obras, uma inicial preocupação com a materialidade dos textos, tanto é que, neste início, o uso das palavras “texto” e “livro” se deu de forma indiscriminada, muitas vezes como sinônimos, e a palavra “materialidade” está inserida num uso social.

A noção de *antropologia literária* (ISER, 1996b, p. 7), como mencionado na introdução, nos dá uma primeira ideia do que seria esse uso social de um apoio do escrito literário: a literatura (entendendo-se aí também os livros de literatura) não pode ser reduzida a uma função autônoma da arte ou a um mero documento. A propiciação de interpretações múltiplas, que move o conhecimento literário, só será possível se houver de fato uma plural circulação de textos/livros que possam condicionar uma modulação da plasticidade humana, manifestação comportada ao homem quando este estabelece um acordo dialógico com a literatura (ISER, 1996b, p. 10). É nesse ponto, na teoria de Iser, que a questão do livro se torna preponderante: ele tem o seu valor por ser um ato comunicativo sem o qual a literatura não seria feita. Apesar disso, podemos reconhecer que não houve uma sistematização desse objeto cultural na teoria, só houve mesmo uma ideia inicial de investigação. Chartier, no entanto, concedeu melhor atenção a isso.

Por um caminho mais palpável, Roger Chartier repensou a questão do livro. O teórico da História Cultural desenvolveu o seu trabalho dando afirmativa consideração aos produtores e aos suportes dos objetos impressos:

editores, revisores, donos de livrarias, livros, revistas, jornais, folhetos, placas, cartazes, a internet, etc., tudo o que carrega a escrita, para Chartier, tem um valor inerente a essa mesma escrita.

O livro como produto cultural teve suas mutações e adaptações na história de acordo com as transformações feitas e as necessidades adquiridas pelo homem, neste caso o aspecto físico do livro se modificou juntamente com sua escrita e a evolução dos discursos (CHARTIER, 2010, p. 8). Desse ponto, o livro, para ser criado como o conhecemos, foi processado por agentes que delinearão o seu formato: não só a escrita de um autor como proprietário do objeto, mas a revisão, a edição e os ambientes de circulação também foram responsáveis pela representação que temos dele (CHARTIER, 2010, p. 16). Nesse caso o uso do livro e sua fisionomia assumem importância como produtos que não só sustentam o conhecimento, mas que também eles mesmos fazem parte desse conhecimento. A produção desse conhecimento se confunde, por um lado, então, com a produção de materiais impressos (CHARTIER, 2010, p. 9). Isso então nos leva ao entendimento de que não é possível haver, encaminhar e difundir um saber à custa de abstrações discursivas que renegam uma corrupção material, essa matéria participa de forma efetiva da construção dos significados de tal saber (CHARTIER, 2002, p. 62). Existe aí, enfim, uma não separação entre “forma e conteúdo”, onde, havendo material escrito, haveria de modo inseparável uma construção de mundo.

O que me parece ser o ponto mais complexo dessa comparação entre Iser e Chartier ocorre porque sempre se deu valor ao livro apenas como um suporte e não como um objeto a ser estudado de modo científico. Estava subentendido na circulação dos saberes que o livro teria uma participação comunicativa imprescindível em propagar os conhecimentos de mundo, mas isso não levava em conta considerar a sua substancialidade também como formadora desse conhecimento. Na literatura, o objeto livro teve uma importância hedonista e catártica: colecionava-se livro porque eles continham um saber estético inesgotável que, ao ser lido, poderia aliviar a alma humana através de um efeito emocional. Podemos ir além desse “mundo ideal” se reconhecermos e unirmos a isso as práticas concretas do uso do livro e apreciar o hedonismo e a catarse num instante de folheio de páginas.

## **A LITERATURA**

Enfim, a *literatura*. O quarto e último ponto aqui tratado entre Iser e Chartier é curioso: somente Iser é o teórico da literatura aqui presente, no entanto, mesmo na posição de historiador, Chartier traz para a literatura questões de alta relevância. Existe também uma concordância muito evidente entre os dois teóricos sobre a importância da literatura e suas criações de mundo, que tendem a afeiçoar o homem a uma reflexão mais pormenorizada desse mundo. Iser pensa a literatura como uma necessidade antropológica, em que há uma ficcionalização comunicativa que constitui as relações humanas. Chartier, de outra forma, mas com o mesmo propósito, pensa a literatura



como uma especificidade no uso da linguagem, sendo marcada por uma estética de um contexto histórico bastante representativo para o homem. Vejamos isso mais claramente.

Como sabemos, as correntes da crítica literária discutiam, em diversas maneiras, sobre o conceito de literatura. Na Estética da Recepção, esse conceito se vinculou à mudança de paradigma já referida entre autor/texto absoluto e leitor, e, por esse caminho, a literatura se tornou um fator e não mais um mero resultado (JAUSS et al., 2002, p. 119). Neste sentido, Iser argumenta que a literatura é detentora, pelos percursos e processos da ficção, da estética e do imaginário, de um conhecimento antropológico de mundo, onde sua leitura promove uma construção de um saber e de uma realidade (ISER, 1996b, p. 13). Esse processo exige também uma seleção e combinação dos elementos que fingem ser reais, ou que se formam como reais por serem selecionados e combinados. Isso nos conduz a um alargamento da extensão do conhecimento: onde ele não consegue chegar, coloca-se, então, a ficção para agir sobre ele. O próprio conhecimento, metonimicamente nessa prática, torna-se ficção (ISER, 1990, p. 58). A literatura então se apresenta como um conhecimento ficcional que interfere no saber, e que fundamenta, pelo tratamento da linguagem, outros discursos sobre o mundo (ISER, 1990, p. 65).

Na História Cultural, Chartier, semelhantemente a Iser, entende a literatura como uma manifestação específica dada a ver a sua relação com outras manifestações discursivas, estéticas ou não, na história. Não se pode pensar a cultura escrita sem a presença da estética representativa da literatura, sendo que esta formou diversas concepções utilitárias, hoje, para o homem; como, por exemplo, a nação, os comportamentos sociais, a perspectiva de vida, a ética, a moral, a crença, o mito, etc. (CHARTIER, 2010, p. 18). O autor francês busca enxergar na literatura também como um fato histórico (não somente estético ou ficcional) em que se inscrevem culturas de mundo diversas. Isso é o que ele propõe quando relaciona a literatura ao livro, por exemplo, onde as práticas de leitura e seus usos condicionam uma particularidade de criações e experiências, que interfere até mesmo na crítica literária (CHARTIER, 2012, p. 5).

A partir dessas duas vertentes teóricas, assim, não se pode pensar a literatura somente como uma abstração, não reconhecendo que sua existência ocorreu por meio dos livros, ou achando que ela foi constituída *a priori* das ações humanas, quase como uma dádiva divina que paira sobre as cabeças, esperando ser recolhida por mãos privilegiadas. Nem se pode pensar a literatura somente como um objeto impresso que contém uma escrita resultante de usos estéticos e consequências históricas, não visualizando o seu alcance discursivo e ideológico no meio social, ou retirando seu valor de formação humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre o *leitor*, a *leitura* o *livro* e a *literatura* que se estabeleceu aqui se fez por dois caminhos: o primeiro ligado à recepção e ao efeito causado pelo contato e o segundo evidenciando a sua materialidade, apropriação

e representação. Essa relação nos mostrou que ela não se faz por uma arbitrariedade ingênua ou inconsequente: o sujeito (o leitor) realiza uma prática (a leitura) sobre um objeto (o livro) dentro de um sistema (a literatura). Se for possível observarmos isso, então a conjugação dessas instâncias não se dá de forma autônoma: o sistema pode oferecer um objeto para o sujeito fazer um uso, ou o objeto no uso é retirado do sistema pelo sujeito, ou ainda o uso força o sujeito a entrar num sistema pelo objeto. A sequência escolhida para ser posta em tópicos aqui, então, foi pensada como um recurso para facilitar uma melhor visualidade e entendimento dessa relação.

Ainda se podem prolongar essas discussões, assim como especificar cada um dos quatro tópicos tratados em artigos isolados, mas, por causa do primeiro passo dado, coloco-me como satisfeito em ter realizado esses esforços. Uma pesquisa mais detalhada e de maior fôlego será feita futuramente, também como é aconselhável a outros pesquisadores, que deem continuidade ao debate entre Wolfgang Iser e Roger Chartier, teóricos que dedicaram e que dedicam seus interesses acadêmicos em prol de conjunturas tão ligadas ao homem. Por fim, as quatro instâncias aqui exploradas tiveram o seu primeiro passo. Espero, com isso, ter contribuído para que a discussão proposta neste ensaio possa ampliar as perspectivas dos interessados nessa temática.

## REFERÊNCIAS

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Literatura e teoria do efeito estético. In: \_\_\_\_\_. **Tópicos de teoria para o discurso literário**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004, p. 137-176.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução Maria Manoela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados** [online]. 1994, vol. 8, n. 21, p. 185-199. ISSN 0103-4014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>. Acesso em 20 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Edunesp, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da escrita**. Tradução Fulvia Moretto. São Paulo: Edunesp, 2002.

\_\_\_\_\_. A construção estética da realidade – vagabundos e pícaros na idade moderna. **Tempo** [online]. 2004, nº 17, p. 33-51. Disponível em [http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg17-3.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg17-3.pdf). Acesso em 20 de jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados** [online]. 2010, vol. 24, n. 69, p. 6-30. ISSN 0103-4014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000200002>. Acesso em 20 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Literatura e cultura escrita: estabilidade das obras, mobilidade dos textos, pluralidade das leituras. **Escola São Paulo de Estudos Avançados**. 2012. Disponível em: [http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos\\_138\\_pt.pdf](http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_138_pt.pdf), Acesso em: 20 jun. 2013.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente, futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GUEZ, Antonio (Comp.). **Teorias de la ficción literária**. Madrid: Arco/Libros, 1997, p. 43-65.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996a, 1 v.

\_\_\_\_\_. **O fictício e o imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996b.

\_\_\_\_\_. La ficcionalización: dimensión antropológica de las ficciones literárias. Traducción de Paloma Tejada Caller. In: GARRIDO DOMÍN

\_\_\_\_\_. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999, 2 v.

JAUSS, Hans Robert et al. **A literatura e o leitor**: textos de Estética da Recepção. Seleção, coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. re. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Roger Chartier. In: LOPES, Marcos A.; MUNHOZ, Sidnei J. (Org.). **Historiadores de nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 301-319.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2004.